

JORIS-KARL
HUYSMANS

Às avessas

Tradução de
JOSÉ PAULO PAES

Introdução e notas de
PATRICK MCGUINNESS



Copyright da tradução e prefácio © 2011 by José Paulo Paes
Copyright da introdução e notas © 2003 by Patrick McGuinness
Copyright da cronologia © 2001 by Terry Hale

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Penguin and the associated logo and trade dress
are registered and/or unregistered trademarks
of Penguin Books Limited and/or
Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association
with Penguin Group (USA) Inc.

TÍTULO ORIGINAL
À rebours

CAPA E PROJETO GRÁFICO PENGUIN-COMPANHIA
Raul Loureiro, Claudia Warrak

TRADUÇÃO DOS APÊNDICES
Donaldson M. Garschagen

REVISÃO
Luciane Helena Gomide
Huendel Viana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Huysmans, Joris-Karl, 1848-1907.

As avessas / Joris-Karl Huysmans; tradução de José
Paulo Paes; introdução e notas de Patrick McGuinness. —
São Paulo: Penguin, 2011.

Título original: À rebours
ISBN 978-85-63560-18-6
1. Romance francês — Século 19 1. McGuinness, Patrick.
II. Título.

11-01502 CDD-843.7

Índice para catálogo sistemático:
1. Romances : Século 19 : Literatura francesa 843.7

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone (11) 3707-3500 Fax (11) 3707-3501
www.penguincompanhia.com.br

Sumário

Nota do tradutor	7
Huysmans ou a nevrose do novo — José Paulo Paes	9
Introdução — Patrick McGuinness	33
 ÀS AVESSAS	 63
Prefácio escrito vinte anos depois do romance —	
J.-K. Huysmans	289
Recensões e reações a <i>Às avessas</i>	309
 <i>Notas</i>	 323
<i>Cronologia</i>	341
<i>Leituras complementares</i>	347

*Cumpre que eu me regozije acima do tempo...
ainda que o mundo tenha horror
do meu regozijo e que a sua grosseria
não saiba o que quero dizer.*

Jan Van Ruysbroeck¹

I

Mais de dois meses se passaram antes que Des Esseintes pudesse engolfar-se no silencioso repouso de sua casa de Fontenay; toda a sorte de compras obrigava-o a deambular ainda por Paris, a percorrer a cidade de uma à outra ponta.

E no entanto a que investigações não recorreu, a que meditações não se entregou antes de confiar seu domicílio aos tapeceiros!

De havia muito tornara-se um especialista em sinceridades e tons evasivos. Outrora, quando recebia mulheres em casa, havia preparado uma salinha onde, em meio a pequenos móveis esculpidos no pálido canforeiro do Japão, sob uma espécie de tenda de cetim rosa das Índias, as cadeiras ganhavam um suave colorido às luzes filtradas pelo tecido.

Esse aposento, onde os espelhos faziam eco uns aos outros e remetiam, nas paredes, a uma enfiada de róseas salinhas que se perdiam de vista, tornara-se célebre entre as raparigas: elas se compraziam em mergulhar sua nudez naquele banho de tépido encarnado que o odor de menta desprendido pela madeira dos móveis aromatizava.

Mas mesmo deixando de lado as vantagens desse ar arrebicado, que parecia transfundir sangue novo nas peles desbotadas e gastas pelo uso de alvaiades e pelo abuso das noitadas, ele saboreava por conta própria, naquele lânguido ambiente, satisfações particulares, pra-

zeros que extremavam e ativavam, de alguma maneira, as recordações dos males passados, dos tédios defuntos.

Destarte, por ódio, por desprezo à sua infância, ele tinha dependurado ao forro daquele aposento uma pequena gaiola de fios de prata onde um grilo preso cantava como nas cinzas das chaminés do castelo de Lourps; quando tornava a ouvir aquele cricrilar tantas vezes ouvido, todos os saraus contrafeitos e mudos em companhia da mãe, todo o abandono de uma juventude sofredora e reprimida se acotovelavam à sua frente, e então, às sacudidelas da mulher que ele acariciava maquinalmente e cujas palavras ou risos lhe interrompiam a visão e o traziam bruscamente de volta à realidade, à salinha, à terra, um tumulto elevava-se na sua alma, uma necessidade de vingar as tristezas suportadas, uma fúria de macular com infâncias as lembranças familiares, um desejo exasperado de ofegar sobre coxins de carne, de esgotar até as derradeiras gotas as mais veementes e as mais acres extravagâncias carnais.

Outras vezes, também, quando o tédio o oprimia, quando, nos dias chuvosos de outono, a aversão pela rua, pelo estar em casa, pelo céu de borra jalde, pelas nuvens de macadame o acometia, ele se refugiava naquele reduto, balançava suavemente a gaiola e ficava avê-la repercutir ao infinito no jogo de espelhos, até os seus olhos ébrios se darem conta de que a gaiola não se movia mais, mas que a salinha toda oscilava e girava, enchendo a casa de uma rósea valsa.

Mais tarde, à época em que julgava necessário singularizar-se, Des Esseintes tinha criado outrossim mobiliários faustosamente estranhos, dividindo seu salão numa série de nichos atapetados de maneiras diferentes e que podiam se relacionar, por uma sutil analogia, por uma vaga harmonia de cores alegres ou sombrias, delicadas ou bárbaras, ao caráter das obras latinas e francesas que ele estimava. Instalava-se então naquele dos nichos cuja decoração lhe

parecia mais bem corresponder à essência mesma do livro que seu capricho de momento o levava a ler.¹

Por fim, havia mandado preparar uma ampla sala destinada à recepção de seus fornecedores; eles entravam, sentavam-se uns ao lado dos outros em cadeiras de coro de igreja, e então ele se instalava numa alta cátedra magistral e de lá pregava o sermão sobre o dandismo,² conjurando seus sapateiros e alfaiates a se conformarem da maneira mais absoluta aos seus breves em matéria de talhe, ameaçando-os de excomunhão pecuniária se não seguissem ao pé da letra as instruções contidas em suas monitorias e em suas bulas.

Adquiriu reputação de excêntrico, que rematou usando trajes de veludo branco, coletes orlados de ouro; espetando, à guisa de gravata, um ramalhete de violetas na chanfradura decotada de uma camisa; oferecendo aos homens de letras jantares retumbantes, num dos quais, para celebrar o mais fútil dos infortúnios, organizara um banquete de luto à imitação do século XVIII.

Na sala de jantar forrada de preto, aberta para o jardim de sua casa subitamente transformado, com as aleias cobertas de carvão em pó, o tanquezinho debruado agora de um parapeito de basalto e cheio de tinta, os maciços providos de ciprestes e pinheiros, servira-se o jantar sobre uma toalha negra, guarneida de violetas e escabiosas, iluminada por candelabros onde queimavam chamas verdes e castiçais onde ardiam velas.

Enquanto uma orquestra dissimulada tocava marchas fúnebres, os convivas haviam sido servidos por negras nuas, de chinelas e meias de tecido de prata pontilhado de lágrimas.

Comera-se, em pratos orlados de negro, sopa de tartaruga, pão de centeio russo, azeitonas maduras da Turquia, caviar, butargas de sargo, chouriços defumados de Frankfurt, caça com molho cor de suíno de alcaçuz, e de graxa, caldo de trufas, cremes ambarados de

chocolate, pudins, pêssegos-carecas, compota de uva, amoras e ginjas; bebera-se, em copos escuros, vinho da Limanha e do Rossilhão, Tenedos, Val-de-Peñas e Porto; saboreara-se, depois do café e do licor de nozes, kwas, cerveja porter e stout.

O jantar de participação de uma virilidade momentaneamente morta³ fora anunciado por convites semelhantes aos de enterro.

Mas tais extravagâncias, de que ele outrora se glorava, haviam se desgatado por si próprias; hoje, sentia desprezo por todas aquelas ostentações pueris e antiquadas, por aqueles trajes anormais, por aqueles enfeites de habitações excêntricas. Ele sonhava simplesmente compor, para seu prazer pessoal e não mais para espanto de outrem, um interior confortável e decorado não obstante de maneira singular, criar uma instalação original e calma, adequada às necessidades de sua futura solidão.

Quando a casa de Fontenay foi devidamente preparada, de acordo com seus desejos e planos, por um arquiteto; quando não faltava senão determinar o arranjo dos móveis e da decoração, ele passou em revista, de novo e longamente, a série de cores e tons.

O que desejava eram cores cuja expressão se afirmasse à luz artificial⁴ dos candeeiros; pouco lhe importava que se mostrassem, à claridade do dia, insípidas ou ásperas, visto que ele só vivia à noite, por julgar que se estava melhor na própria casa, sozinho, e que o espírito só se excitava e crepitava ao contato da noite vizinha; sentia também um prazer especial em ficar num aposento muito bem iluminado, o único desperto e de pé em meio a casas às escuras, adormecidas: um tipo de prazer onde entrava talvez uma ponta de vaidade, uma satisfação assaz singular, conhecida dos trabalhadores tardios quando, erguendo as cortinas das janelas, percebem que à sua volta está tudo apagado, tudo mudo, tudo morto.

Lentamente selecionou, um por um, os tons.

O azul puxa, à luz das velas, para um verde falso; se for escuro como o cobalto e o anil, torna-se negro; se for claro, torna-se cinza; se for franco e suave como o turquesa, embota-se e acetina-se.

A menos, pois, que o associasse a uma outra cor coadjuvante, não podia cogitar de fazê-lo a cor dominante num aposento.

Por outro lado, os cinzas-ferro se encrespam e se tornam pesados; os cinzas-pérola perdem o azul e se metamorfosem num branco sujo; os castanhos se entorpecem e arrefecem; quanto aos verdes-escuros, assim como os verdes-imperador e os verdes-mirto, atuam da mesma maneira que os azuis carregados e fundem-se com os negros; restam pois os verdes mais pálidos, como o verde-pavão, o cinábrio e as lacas, mas então a luz exila deles seu azul e só lhes guarda o amarelo, que não conserva, por sua vez, senão um tom falso, um sabor turvo.

Não se podia nem pensar nos salmões e nos rosas, cujas efeminações contrariavam as ideias de isolamento; tampouco se podia pensar nos violetas que se despojam; o vermelho sobrevive, solitário, e que vermelho! um vermelho viscoso, ignóbil borra de vinho; parecia-lhe aliás assaz inútil recorrer a esta cor, pois, com a intromissão de certa dose de santonina, torna-se violeta à vista, e facilmente se altera, mesmo sem ser tocada, a cor de suas tinturas.

Postas de lado essas cores, só outras três restavam: o vermelho, o laranja e o amarelo.

De todas, ele preferia o laranja, confirmando assim, pelo seu próprio exemplo, a verdade de uma teoria que ele declarava de exatidão quase matemática, a saber: que existe uma harmonia entre a natureza sensual de um indivíduo verdadeiramente artista e a cor que seus olhos veem de maneira mais especial e viva.

Desprezando, com efeito, o comum dos homens,

cujas grosseiras retinas não percebem nem a cadência própria de cada cor nem o encanto misterioso de sua degradação e de suas nuanças; desprezando igualmente os olhos burgueses insensíveis à pompa e à vitória das cores vibrantes e fortes; e não considerando, então, mais do que as pessoas de pupilas refinadas, exercitadas pela literatura e pela arte, parecia-lhe coisa certa que o olho de cada um dos que sonham com o ideal, dos que reclamam ilusões, exigem véus no leito, é geralmente acariciado pelo azul e seus derivados, tais como o malva, o lilás, o cinza-pérola, contanto que se mantenham brandos e não ultrapassem a fronteira onde alienam sua personalidade e se transformam em violetas puros, em cinzas francos.

Contrariamente, as pessoas atiradas, os pletóricos, os belos sanguíneos, os sólidos varões que desdenham as entradas e os episódios e se arrojam, perdendo logo a cabeça, esses se comprazem, em sua maioria, nas luzes brilhantes dos amarelos e dos vermelhos, nos toques de címbalos dos vermelhões e dos cromos que os cegam e os embriagam.

Por fim, os olhos das pessoas debilitadas e nervosas cujo apetite sensual busca as iguarias temperadas pelas defumações e salmouras, os olhos das pessoas sobre-excitadas e héticas adoram, quase todos, essa cor irritante e malsã, de esplendores fictícios, de febres ácidas: o alaranjado.

A escolha de Des Esseintes não dava azo, portanto, a nenhuma dúvida; incontestáveis dificuldades se apresentavam ainda, porém. Se o vermelho e o amarelo se enaltecem sob as luzes, o mesmo nem sempre acontece com o seu composto, o laranja, que se deixa arrebatar e se transmuda frequentemente numa cor de fogo viva ou desmaiada.

Estudou-lhe, à luz de velas, todas as nuanças, descobrindo uma que lhe pareceu não ir se desequilibrar e subtrair-se às exigências que ao laranja se faziam; uma vez terminadas essas preliminares, cuidou de não usar, na medida do possível, em seu gabinete pelo menos, estofos e tapetes do Oriente, os quais, agora que os negociantes en-

riquecidos os adquirem nas lojas de novidades, com desconto, haviam se tornado tão fastidiosos e tão comuns.

Resolveu, no fim das contas, mandar encadernar as paredes como se fossem livros, com marroquim de grão grosso esmagado, com pele do Cabo acetinada, por chapas resistentes de aço, numa prensa poderosa.

Uma vez prontos os lambris, mandou pintar as molduras e os altos plintos de um anil escuro, um anil laca-dado semelhante ao que os carpinteiros de carruagens empregam nas almofadas dos veículos, e o teto, um tanto abaulado, igualmente forrado de marroquim, abria-se, qual imensa claraboia, encaixado em sua pele cor de laranja, num círculo de firmamento de seda azul-real no meio do qual se elevavam, em rápido adejo, serafins de prata havia pouco bordados pela confraria de tecelões de Colônia para um antigo pluvial.

Depois de ter se efetuado a colocação, de noite, tudo aquilo se conciliou, atenuou, assentou: as guarnições imobilizaram seu azul firme e como que aquecido pelos laranjas, os quais, por sua vez, mantiveram-se sem adulteração, apoiados e, de algum modo, aticados que foram pelo sopro premente dos azuis.

Em matéria de móveis, Des Esseintes não teve de levar a cabo longas pesquisas, já que o único luxo daquela peça iria consistir em livros e flores raras; limitou-se, deixando para decorar mais tarde, com alguns desenhos e alguns quadros, os tabiques que haviam ficado nus, a instalar, na maioria das paredes, prateleiras e armários de biblioteca em madeira de ébano, a cobrir o chão de tacos com peles de animais selvagens e pelícias de raposa azul, e a dispor, junto de uma mesa maciça de cambista, do século xv, poltronas fundas com abas laterais e uma velha estante de coro, feita de ferro forjado, um daqueles antigos suportes sobre os quais o diácono outrora pousava o antifonário e que agora sustentava um dos pesados in-fólio do *Glossarium mediae et infimae latinitatis* de Du Cange.⁵

As vidraças, cujos vidros azulados, esmaltados em raiado e recamados de fundos de garrafa com suas protuberâncias salpicadas de ouro, interceptavam a vista do campo e só deixavam penetrar uma luz falsa, foram veladas, por sua vez, por cortinados feitos de velhas estolas em que o ouro escurecido e quase amarelo-escuro se desvanecia na trama de um ruivo quase morto.

Finalmente, sobre a lareira, cuja coberta fora também cortada do suntuoso estofo de uma dalmática florentina, entre dois ostensórios de cobre dourado, de estilo bizantino, provenientes da antiga Abbaye-au-Bois de Bièvre, um maravilhoso cânones de igreja, de três compartimentos separados, ornados como uma renda, continha, sob o vidro de seu caixilho, copiados num velino autêntico, com admiráveis letras de missal e esplêndidas iluminuras, três peças de Baudelaire: à direita e à esquerda, os sonetos intitulados “A morte dos amantes” e “O inimigo”; no meio, o poema em prosa intitulado: “*Any where out of the world.* — Não importa onde, fora do mundo”.⁶